

O ADVÉRBIO JUNTIVO ADVERSATIVO *PORÉM*: INVARIÂNCIA E VARIANTES NO SÉCULO XV E XX

Tatiana Mazza da Silva (UNESP-SJRP/FAPESP)

INTRODUÇÃO

O item, ora analisado, integra o rol das chamadas conjunções coordenativas adversativas da gramática tradicional (*mas*, *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto* e *todavia*). Todas essas conjunções colaboraram para a “reposição” do quadro conjuncional, pois, segundo gramáticos históricos (ALI, 1964; NUNES, 1975; CAMARA, 1975), na passagem do latim para o português, muitas conjunções foram abandonadas e, para recompensar essa perda no sistema conjuncional, ocorreram vários processos de gramaticalização, em que palavras de diferentes categorias, em grande parte advérbios, passaram a funcionar como conjunções.

Quanto às conjunções adversativas, a língua portuguesa dispensou várias conjunções adversativas latinas, dando preferência ao item *magis*, que, desde o latim vulgar, já vinha sendo usado preferentemente em detrimento de outras. *Magis*, no latim vulgar, era usado juntamente com a conjunção adversativa *sed*, dando idéia de antes, preferência. Com o passar do tempo, *magis* assimilou, por meio de processo metonímico, o sentido adversativo de *sed* e passou a ser empregado sozinho, constituindo a conjunção adversativa prototípica *mais*, na fase arcaica, e *mas*, na fase atual da história do português.

Além da partícula adversativa *mais* (*mas*), a língua recrutou, dentre itens pertencentes a outras categorias, principalmente a dos advérbios, itens que viriam a executar, no enunciado, função adversativa, como é o caso de *porém*, que advém de sintagma circunstancial latino constituído de preposição + elemento pronominal – *per* + *inde* – e tinha o sentido original de *por isso*. Segundo Ali (1964) e Castilho (1997), o item adquiriu o valor adversativo devido ao seu uso em contextos negativos e também em contextos em que o item aparecia como reforço da conjunção adversativa *mas*, já presente no enunciado.

Neste trabalho, temos como propósito analisar as características lógico-argumentativas de *porém* nos séculos XV, século em que se registram as primeiras ocorrências de *porém* com valor adversativo¹, e XX², a fim de observar se, no século XX, são mantidas as mesmas funções encontradas no século XV ou se há o surgimento de novas funções. Com isso, mostraremos como acontece a relação de adversidade estabelecida por *porém* em dois momentos da história da língua portuguesa. Para alcançar esse objetivo, abordaremos a questão da variância e invariância do item. Entende-se por variância, as diferentes funções que o item pode assumir em um dado contexto. A invariância, por sua vez, diz respeito às mesmas características sintático, semântica e pragmáticas presentes em todas as ocorrências de *porém*.

Para análise da argumentatividade do item, os trabalhos de Ducrot (1977, 1981) sobre argumentação na linguagem constituem fundamental contribuição. De acordo com o autor, a argumentatividade é algo que está inscrito na própria língua, isto é, a linguagem em qualquer da sua instância é usada para fins argumentativos. Ao elaborar um enunciado, o locutor direciona o discurso para determinadas conclusões, excluindo outras. De modo geral, todo enunciado tem uma orientação argumentativa, que indica a quais conclusões esse enunciado pode servir de argumento.

¹ Mattos e Silva (1984) relata que, no texto *Cantiga de Santa Maria* do século XIII, já são encontradas algumas ocorrências de *porém* com acepção adversativa.

² Os dados da sincronia do século XV pertencem ao “Corpus Diacrônico do Português”, organizado por Longhin-Thomazi (2007) complementados pelos dados do “Banco Informatizado de Textos”, do Projeto para a História do Português (BIT-PROHPOR), de responsabilidade dos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. Para o estudo da sincronia do século XX, serão selecionados alguns textos do Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara, que comporta textos escritos do português contemporâneo.

1 A INVARIÂNCIA

Para explicar a invariância de *porém*, recorro a trabalhos anteriores (SILVA, 2007) e também a Ducrot (1977, 1981), Guimarães (1987), Carone (1988).

Para iniciar, observe o enunciado em (01) abaixo.

(01) Aproximei-me com silêncio, *porém* fui notado.³

Em (01), percebemos que a relação de sentido básica veiculada por *porém* é de contraste, pois o enunciado “Aproximei-me com silêncio” leva o interlocutor a inferir que a pessoa não seria notada, mas essa inferência não é confirmada com o enunciado “*porém* fui notado”, funcionando, assim, como uma asserção que está em contraste com a primeira asserção.

Bally (1965) considera como um critério importante para explicar a coordenação a relação de sentido veiculada pelo conector. Segundo ele, a colocação de dois enunciados lado a lado é justificada, primordialmente, pelo sentido que surge dessa união, mesmo em orações justapostas, aquelas que não apresentam conectivo explícito. Segundo o autor, duas orações se coordenam quando X (primeiro enunciado) é retomado por Y (segundo enunciado) por meio de uma oração explícita ou por meio de um anafórico (conjunção coordenativa). Sendo assim, a coordenação é caracterizada por um movimento retrojetivo, em que o representante de X dentro de Y “olha para trás” para concluir o que será dito. Por causa desse movimento retrojetivo, a ordem das orações não pode deixar de ser rígida, primeiramente X e, depois, Y. O autor chama atenção também para o fato de que esse representante de Y é um item que, no início, tem características de advérbio, trazendo circunstância para a oração, e só se cristaliza como conjunção quando perde características da fonte adverbial, assumindo os traços de conjunção coordenativa prototípica.

Tanto a conjunção *porém* como as demais adversativas – *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *entretanto* – são dotadas dessa mobilidade, traço característico da fonte adverbial de que derivam, podendo ocorrer no início, no meio ou no fim de Y. Além do traço de mobilidade, as conjunções adversativas permitem-se co-ocorrer com outras conjunções, tais como *mas* e *e*. O juntivo *porém*, nas últimas sincronias, co-ocorre com o coordenador *mas*, entretanto, na sincronia do século XV, são encontrados inúmeros exemplos de *porém* junto de *e*.

Quanto ao tipo de unidades articuladas, há um consenso de que as conjunções coordenativas coordenam unidades funcionalmente equivalentes. Neves (1998) aponta que a diferença entre as conjunções *e* e *ou* e *mas* – e por extensão também *porém* –, está no tipo de elementos que coordenam. As conjunções *e* e *ou* coordenam não só frases, orações, sintagmas de diversos tipos, mas também quaisquer elementos de mesmo estatuto gramatical; o *mas* (e *porém*), guardando traços de suas fontes adverbiais, não coordena alguns elementos de mesmo estatuto gramatical, tais como preposições, numerais (como em **de mas para*, **dois porém três*), ou seja, esses coordenadores não aceitam qualquer tipo de coordenação, coordenam preferencialmente predicados. Neves (2000) mostra que uma conjunção adversativa pode coordenar dois sintagmas nominais, desde que o primeiro sintagma esteja negado, como em: “não o menino mas a mãe”⁴.

Na construção *X porém Y*, no que diz respeito à pausa, há uma que é mais marcante e que precede a conjunção, fazendo com que essa se ligue mais fortemente a Y do que a X. Além da pausa precedente, há registro de pausa após a conjunção, tornando, assim, a pausa precedente mais profunda, o que, na escrita, é marcado por ponto final ou ponto e vírgula. Carone (1988, p.57) afirma que a pausa precedente é reforçada por uma entoação descendente no primeiro enunciado, e ascendente no segundo enunciado.

Diante da exposição acima, as características invariáveis de *porém*, aplicadas aos enunciados, são:

- a) **construção binária:** os enunciados articulados por *porém* compõem uma par de orações X e Y. Por exemplo, em (02), X é o enunciado *Você compreende, essa música é banalíssima e*

³ Exemplo extraído de Neves (2000)

⁴ idem 3.

Y é porém nós que pertencemos à classe dos músicos devemos honrar um, sim, um músico que está na presidência do Estado;

(02) "Você compreende, essa música é banalíssima, *porém* nós que pertencemos à classe dos músicos devemos honrar um, sim, um músico que está na presidência do Estado" (XXBLA-CRO, p.183).

b) informação mais importante: o enunciado introduzido por *porém* traz a informação mais importante para o discurso; do ponto de vista contextual, a informação nova. O enunciado introduzido por *porém* apresenta a perspectiva do locutor a respeito do que está sendo dito, enquanto o primeiro enunciado traz a visão do enunciatário (Guimarães, 1987). Com essa duplicidade de perspectivas, o texto vai sendo construído na direção da perspectiva do locutor, que busca a adesão do interlocutor a essa perspectiva.

c) movimento retrojetivo: *porém*, para fazer a ligação dos dois enunciados, precisa remeter ao primeiro enunciado, para que se possa ter a conclusão de uma idéia;

d) rigidez na seqüência: para o *porém* estabelecer a relação de contraste entre orações, é necessário que X venha antes de Y. Segundo Guimarães (1987), a impossibilidade da inversão na ordem está justamente no fato de *porém* marcar o comentário do locutor. Observe em (03') a pouca naturalidade causada por uma inversão das proposições unidas por *porém*;

(03) Aliás tenho mesmo uma memória muito fraca, razão pela qual preciso duma biblioteca muito grande. Minha memória repousa nas folhas impressas, *porém* não me lastimo. (XXBLA-CRO, p.163)

(03') *... *porém* não me lastimo, minha memória repousa nas folhas impressas.

e) co-ocorrência com outras conjunções: *porém*, ainda nas sincronias mais atuais, co-ocorre com outras conjunções como *mas*. Observe-se que, no século XV, há também inúmeras ocorrências de *porém* posposto a *e*; vejamos as ocorrências (04) e (05).

(04) e depois que ella morreo, em hũas cortes que fez em Sevilha, alli declarou perante todos que primeiro casara com ella que com dona Branca, nomeando quatro testemunhas que forom presentes, os quaaes per juramento certificarom logo que assi fora como el dizia, e des entom mandou elle que lhe chamassem rrainha posto que ja fosse morta, e aos iffantes; e fez logo a todos fazer menagem a hũu filho que d'ella ouvera, que chamavam dom Affonso, que tomassem por rrei depós sua morte. E *porém* diziam os que estas e outras rrazoões secretamente antre ssi fallavam, que a verdade, que nom busca cantos, muito encuberta andava em taaes feitos. (XVCDP, p.53)

(05) Agora nem num sei si devo contá o resto, Frorinda prueque eu quero é num te mâttratá, já tava bem tonto quano incontrei ela. Nunca tinha visto simiante criatura mais ela vinha vistida de apache, que agora as muié deu pra vistí carça no Carnavá... Vai, ela oio pra mim e falô ansim. "Ôta mulato proletaro, bam' fazê comunismo pa í no baile do Colombo junto". Eu inté num achei graça, mais *porém* todos tavum rindo do meu jeito num quis ficá purtráis, me rí tamém. (XXBLA-CRO, p.154)

f) pausa: no caso de *porém*, pode ocorrer pausa leve ou marcante antes do início do segundo enunciado. Em (06), uma pausa leve vem sinalizada pelo uso da vírgula e, em (07), uma pausa mais acentuada, pelo uso do ponto final.

(06) e foi assi certamente; segundo algũus escrevem, que o iffante deu gram torva, *porém* rrazoada, em este feito. (XVCDP, p.69)

(07) Quem reflita um bocado sôbre uma palavra, ha-de perceber que mistério poderoso se entocaia nas sílabas dela. Tive um amigo que às vezes, até na rua, parava, nem podia respirar mais, imaginando, suponhamos, na palavra "batata". "Ba" que êle, "ta" repetia, "ta" assombrado. Gosto sissimamente assombrado. De-fato, a palavra pensada assim não quer dizer nada, não dá imagem. Mas vive por si, as

sílabas são entidades grandiosas, impregnadas do mistério do mundo. A sensação é formidável. *Porém* o caso que eu quero contar não é esse não, e se passou com a minha timidez. (XXBLA-CRO, p.174)

g) relação de contraste: A relação de contraste estabelecida por *porém* consiste num tipo de *contraste por quebra de expectativa*, em que toda ocorrência de *porém* faz com que o interlocutor se surpreenda com a informação dada pelo locutor. Segundo Dijk (1977), ao analisar alguns conectivos contrastivos ingleses, como *but, though, although, yet, nevertheless, whereas, in spite of, notwithstanding, anyway*, aponta algumas características: (i) expressam o contraste estabelecido entre as propriedades e os cursos do evento com as expectativas normais do mundo; (ii) indicam estados ou cursos que são inesperados ou indesejáveis; (iii) expressam a não-satisfação de condições possíveis, prováveis ou necessárias. Ao quebrar a pressuposição, o locutor cancela qualquer conteúdo pressuposto pelo, mudando, conseqüentemente, a informação pragmática desse. Essa mudança pode acrescentar, substituir ou eliminar peças de informação prévia do interlocutor ou torná-lo consciente de alguma informação que tinha, mas de que não estava consciente (Dik, 1989).

A partir dessas invariâncias e da relação de contraste por quebra de expectativa presente em todas as ocorrências de *porém*, passaremos adiante a tratar das diferenças contextuais de que resultam as várias acepções de sentido do item, isto é, as suas variantes.

2 AS VARIANTES

Levando em consideração as ocorrências de *porém*, apenas com valor adversativo, nos séculos XV e XX, encontramos sete funções que ele pode desempenhar, a depender do contexto, a saber: marcador de oposição; marcador de negação de inferência; marcador de restrição; marcador de compensação; marcador de surpresa; marcador de contra argumentação; marcador de direção independente. Passemos análise de cada uma delas.

• marcador de oposição

A marca de contraste é feita por meio de palavras com significados opostos ou expressões opostas. Na ocorrência (08), do século XV, o locutor estabelece uma oposição entre a expressão *com prazer*, apresentando um traço semântico positivo, e a expressão *mal magoado*, caracterizada por um traço semântico negativo. No século XX, essa acepção permanece, como mostrado na ocorrência (09), em que o locutor estabelece a oposição por meio das palavras *triste* e *contente*.

(08) A Portugal foram tragidos Alvaro Gomçallvez e Pero Coelho, e chegaram a Samtarem omde el Rei Dom Pedro era; e el Rei, com prazer de sua viimda *porem* mal magoado porque Diego Lopez fugira, os sahiu fora a receber... (XVCDP, p.57)

(09) Inté tava bem triste prueque de repente me alembrei que dê-certo o Romero tava im casa cum a família, im vêiz de andá sozinho cumo eu tava, feito sordado na vida... *Porém* já tinha bibido ôtra vêiz, fiquei contente, puis num tenho que dá sastifação nenhuma p'u Romero, eu sô eu! (XXBLA-CRO, p.154)

• marcador de negação de inferência

Nessa função, *porém* introduz o argumento que nega o argumento anterior, ou seja, o locutor, na primeira oração, admite como argumento o enunciado de outro enunciador E₁ (enunciatório) para, no segundo argumento, negar, contestar esse fato. Esse funcionamento está presente tanto no século XV quanto no século XX. Em (10), no primeiro enunciado, o argumento apresentado leva a crer que o que acontece com a mudança de idade é algo comum a todos, e com isso o interlocutor inferi que é algo que possa ser superado, no entanto, ao se valer do argumento “*porém dello me nom curava*”, o locutor nega a inferência feita a partir do primeiro argumento. Na ocorrência (11), representativa do século XX e indicativa de que essa manobra argumentativa ainda permanece nas sincronias mais

atuais, o primeiro argumento faz o interlocutor inferir que o locutor sentia alguma lástima por ter uma memória fraca, mas no segundo argumento o locutor mostra que não sente nenhuma lástima, negando, assim, a inferência feita pelo seu interlocutor.

(10) ... E pensava que aquello da mudança de hidade me viinha, e que assi era comuu a todos. *Porem* dello me nom curava ... (XVLC, 14)

(11) Aliás tenho mesmo uma memoria muito fraca, razão pela qual preciso duma biblioteca muito grande. Minha memória repousa nas folhas impressas, *porém* não me lastimo. (XXBLA-CRO, p.63)

Segundo Vogt e Ducrot (1980), esse tipo de funcionamento discursivo causa uma *polêmica imaginária*, em que, ao enunciar não-B pressupõe-se a enunciação de B, que é atribuída a um enunciador diferente de E₀ (locutor). Equivale a dizer que ao enunciar não-B, necessariamente o locutor enuncia B, fazendo uma oposição a esse. Por essa enunciação B, o locutor não se responsabiliza, apenas a rejeita.

• marcador de restrição

No funcionamento de *porém* como marcador de restrição, o locutor admite uma conclusão, normalmente um conteúdo pressuposto⁵ ou subentendido,⁶ no primeiro segmento, para depois, sobre ela apresentação alguma restrição, que pode representar: (i) *acréscimo de informação*, em que o locutor apresenta, no segundo segmento, uma condição para que o fato apresentado no primeiro segmento aconteça; (ii) *refutação*, em que o locutor refuta, no segundo segmento, algo que tinha sido tido antes; (iii) *pedido de informação*, em que, no segundo segmento, há questionamento de algum fato presente no primeiro segmento. Os exemplos de (12) a (14) mostram, respectivamente, essas três estratégias argumentativas da variante de restrição.

(12) Ca esto todo he per todos derecho determinado, que os que teem officio de defensores o devem fazer, husando porem de piedado quanto mais poderem ... (XVLC, p.12)

(13) Antão ela chegô ôtra vêiz, sem brincadêra, e segredô baixinho: "Bamo"? Praque que hei-de falá... mais me deu ua vontade de í cu'ela. Todos tavum reparando e sentí sastifação. Garrei na cintura dela e fui andano. Minha tenção era chegá nargum lugá sem gente e dá o fóra, *porém*, você me discurpe, Frorinda, era só tenção, chegêmo no Colombo. (XXBLA-CRO, p.154)

(14) O jovem: - Não duvido. Mas é a moda. O impossível é fazemos voltar à clássica ceia em família e com rabanadas, "também chamadas fatias do céu!..." Pode ser que seja mau. Que fazer, *porém*? (XXBLA-CRO, p.36)

Em (12), a segunda oração "husando *porem* de piedado quanto mais poderem" restringe a oração "que os que teem officio de defensores o devem fazer", através de um acréscimo de informação, que, no caso, é uma condição imposta para a realização da oração anterior, isto é, os defensores têm que praticar o seu trabalho, mas dentro da condição imposta. Já em (13), o uso de *porém* mostra que, embora se tenha afirmado no primeiro segmento que o *eu* tinha a vontade de chegar em algum lugar sem gente e largar a Frorinda, esse *eu*, no segundo segmento, refuta essa idéia. Em (14), finalmente, "Que fazer, *porém*" é uma interrogativa parcial que questiona o interlocutor a partir das informações contidas no primeiro segmento, pois, ao afirmar que é impossível voltar à clássica ceia em família, o locutor pede uma outra possibilidade.

• marcador de compensação

⁵ Entenda-se por pressuposto um conteúdo informacional que o locutor pressupõe fazer parte das informações pragmáticas de seu interlocutor, uma informação partilhada, portanto (Dik, 1989).

⁶ Por subentendido, entende-se que é tudo aquilo que o locutor deixa para que o seu interlocutor conclua.

Na função de marcador de compensação, o locutor estabelece uma relação de comparação de igualdade entre dois elementos. Num primeiro momento, ele expõe as similaridades entre os dois, para, num segundo momento, apresentar a diferença entre eles. A diferença de direção dos argumentos acaba por resultar na compensação.

Tanto na sincronia do século XV como na do XX, encontram-se três estratégias de marcação de compensação, a saber: (i) por *acréscimo de informação*, por meio da qual o locutor pressupõe que o interlocutor tem informação incompleta a respeito de algo e, então, adiciona uma informação necessária para a compreensão; (ii) por *substituição de informação*, por meio da qual o locutor julga necessário substituir parte de informação por outra; (iii) por *exclusão de informação*, por meio da qual o locutor exclui parte de uma informação que ele julga que seu interlocutor tenha compreendido equivocadamente e não coloca nada no lugar. As ocorrências de (15) a (17) ilustram a marcação de compensação por acréscimo de informação, por substituição de informação e por exclusão de informação, respectivamente.

(15) E diz nosso senhor daquel que guardar seus mandamentos e os ensinar, que será chamado grande no seu reino. *Porem*, ainda que o meu carregio mais seja mostrar per obra e palavra, algua parte desejo cobrar de merecimento do que fazem leituras de boas e virtuosas ensinanças... (XVLC, p.2)

(16) Antre nojo e tristeza eu faço tal defença, por que a tristeza, per qual quer parte que venha, assi embarga sempre continuadamente o coração, que nom dá spaço de poder em al bem pensar nem folgar. E o nojo he a tempos, assi como se vee na morte d'alguns parentes e amigos, onde, aquel tempo que per justa falla ou lembrança se sente, o sentimento he muito rijo. *Porem* taaes hi há que, passado o dia, logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz sentom. (XVLC, p.18)

(17) Mês elegante, jovem, mundano, parlamentar, um tanto Arsênio Lupin de uma grande data, maio - que quer mais V. Ex. para que ele seja um mês perturbador? Se não fossemos todos aliados e boicotastes mesmo em poesia, era o caso de repetir ainda o nosso poeta: o ar é fino, levíssimo. E azul e loiro todo o céu sereno... Maio parece um príncipe germânico das baladas românticas do Reno. Para mim, *porém*, riscada a ironia, maio é agradável por outra coisa e só por isso. (XXBLA-CRO, p.60)

Em (15), o locutor introduz a informação “*porem* algua parte desejo cobrar de merecimento do que fazem leituras de boas e virtuosas ensinanças...”, porque julga necessário acrescentá-la para que o interlocutor compreenda a diferença entre essa informação e o que foi dito pelo *nosso senhor*. O locutor, em (16), primeiramente apresenta uma comparação entre a tristeza e a mágoa, e ao falar da mágoa, julga necessário substituir a informação “o sentimento he muito rijo” por “passado o dia, logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz sentom”. Por fim, em (17), o locutor, ao afirmar que a agradabilidade de maio se deve a outra coisa e não à razão dada no primeiro segmento, exclui toda a informação dada – “Mês elegante, jovem, mundano, parlamentar, um tanto Arsênio Lupin de uma grande data, maio - que quer mais V. Ex. para que ele seja um mês perturbador?... Maio parece um príncipe germânico das baladas românticas do Reno” – e não a substitui por nada.

• marcador de surpresa

Como marcador de surpresa, *porém* introduz um argumento que não era esperado, previsto, desejado, ou seja, aquilo que se esperava não acontece, mas, sim, o que se não esperava. Esse funcionamento aparece com maior frequência no século XX, e é mais raro no século XV. Em (18), uma ocorrência do século XV, com o argumento “esta torre era mui forte”, o interlocutor pressupõe que esta torre esteja acabada, mas, ao introduzir o argumento “não foi *porém* acabada”, o locutor cancela a pressuposição feita e introduz um fato inesperado. A ocorrência (19), do século XX, apresenta a mesma estratégia: no primeiro argumento permite concluir que o fornecimento começará a ser feito, uma vez que findou os dez dias do prazo, no entanto o segundo argumento surpreende pelo fato inesperado de que devido à escassez de numerário, o fornecimento foi suspenso por data indeterminada.

(18) e logo era hordenado que sse comprasse d'elles certo ouro e prata pera sse poer no castello de Lixboa em hũa torre que pera esto fora feita, que chamavam a torre alvarrãa. Esta torre era mui forte e nom foi *porém* acabada... (XVCDP, p.20)

(19) Segundo os seus termos o fornecimento começa a ser feito 10 dias depois da assinatura. Em virtude disso mandei à fazenda um cheque de 1:500\$000 que o meu administrador devia receber findo os dez dias do prazo. Acontece, *porém*, devido à escassez absoluta de numerário de que se ressentia o momento, a Sociedade Incorporadora (núcleo central dos Bancos Rurais) me avisa que não pode iniciar os fornecimentos na data convencionada e sim em data incerta... (XXBLA-COR, p.4)

- **marcador de contra-argumentação**

Esse uso de *porém* pode ser explicado nos termos da Teoria da Argumentação desenvolvida por Ducrot (1977, 1981), em que o autor mostra que, em construções do tipo A *mas* B, há duas conclusões opostas, sendo o argumento A favorável a conclusão *r*, e o B, argumento mais forte, favorável a *não-r*. Dessa forma, a construção A *mas* B, como um todo, tende a sua argumentação para a conclusão *não-r*. Valendo-se das palavras de Ducrot (1981, p.179), “o enunciado A *mas* B supõe que, no espírito dos interlocutores, existe ao mesmo tempo uma proposição *r* a qual A é um argumento e B, um contra argumento”.

Koch (1987), dialogando com Anscombe e Ducrot (1982), Vogt e Ducrot (1980), apresenta as duas idéias que são acrescentadas a A e B, por meio de *mas*: (i) A e B se estabelecem em direções opostas em relação à conclusão *r*, afirmada por A, mas não confirmada por B; (ii) a conclusão *não-r*, veiculada por B, é mais forte que a de A, fazendo com que o enunciado A *mas* B seja orientado no sentido de *não-r*.

Em (20), todo primeiro argumento é construído a favor de uma conclusão *r* – o contentamento com a vitória -, o segundo argumento descarta essa conclusão *r* e apresenta uma conclusão contrária, *não-r*, – o descontentamento com a vitória.

(20) E logo da tornada que el-Rei dom Joham fez para seus regnos, em huu lugar do Algarve, constituiu a êste honrado príncipe, em dignidade de duque, com seu senhorio, e depois a cabo de três annos, veeo sôbre a dicta cidade grande poderio de Mouros, os quaaes aodespois foram contados pellos alfaqueques em número de cem mil, ca eram alli as gentes del-Rei de Feez e del-Rei de Graada, e del-Rei de Bugia, com muitos engenhos e artelharias, com as quaaes pensavam filhar a dicta cidade, cercando-a per mar e per terra, em cujo socorro êste Iffante, com dous irmãos seus, scilicet, iffante dom Joham, e o conde de Barcellos, que depois foe duque de Bragança, com outros muitos senhores e fidalgos, e com grande ajuntamento de frota, foe mui deligente, e depois de feita grande mortiidade nos Mouros, e a cidade livre e repairada se tornou mui honradamente pera Portugal, nom mui contente *porém* da vitória... (XVCFG, p.8)

(21) Outro dia o Justino, da Revista do Globo, queria que eu respondesse a uma carta em que uma jovem pedia conselhos sentimentais. Tive a honestidade de não responder. Nisso de sentimentos sou confuso e dou amplas mancadadas. Nada entendo de amores, de suspiros, dessas coisas assim. Naturalmente eu amo, eu suspiro, eu faço tudo isso que Deus manda, visto que se estamos na terra é mesmo para sofrer. Tenho, *porém*, uma grande dificuldade em me dirigir nesses assuntos... (XXBLA-CRO, p.120)

Em (21), o argumento “Naturalmente eu amo, eu suspiro, eu faço tudo isso que Deus manda, visto que se estamos na terra é mesmo para sofrer” cria uma expectativa no interlocutor de que o locutor tem condições de abordar questões referentes a assuntos sentimentais, porém o argumento “Tenho, *porém*, uma grande dificuldade em me dirigir nesses assuntos” desconstrói a conclusão anterior, frustrando a expectativa criada no interlocutor.

Esse funcionamento de *porém* aparece com alta frequência tanto no século XV quanto no século XX.

- **marcador de direção independente**

Porém como marcador de direção independente apresenta poucas ocorrências no século XV, e ocorre com frequência acentuada no século XX. Nesse uso, o segundo segmento introduz algo novo, ainda não considerado, mas que acaba sendo mais relevante do que o argumento já admitido. Esse acréscimo pode-se dar de três maneiras: (i) por *acrécimo de novo argumento*; (ii) por *acrécimo de um novo foco*; (iii) por *acrécimo de um novo tema*⁷. Essa última estratégia surge recentemente, aparecendo, no *corpus*, apenas no século XX. As ocorrências de (22) a (24) mostram, respectivamente, essas três estratégias discursivas de *porém* para marcar a independência de direção.

(22) O segumdo empacho he o comdestabre, o qual sabees que assy por sua muy boa uida como pollos gramdes e bem auemturados aqueeçimentos que ouue, tem assy as gemtes do rregno chegadas a sua amizade, que sse elle per uemtura comtradisser este comsselho, todos teeriam que nom era feito dereitamente. a quall cousa lhes faria menos esforço pera nos ajudarem aello quamdo fossem rrequeridos. *Porem* ante de nehuua cousa he bem que ueiamos per quall maneira lhe faremos saber a determinaçam que em esto auemos, porque ao depois per seu desprazimento nom rreçebamos alguu peio. (XVCTC, p.16)

Como se nota, em (22), o argumento introduzido por *porém* ainda não tinha sido considerado e, com isso, é colocado à consideração.

(23) O advogado disse as coisas mais admiráveis. O rapaz, musculoso e tranqüilo, pareceu não compreender nem a acusação nem a defesa... Na sala secreta, *porém*, quando íamos julgar, um dos jurados veio a mim, chorando, e disse: - "Perdoe, se lhe peço um favor, que é a minha salvação. O senhor é homem, deve ajudar-me. (XXBLA-CRO, p.82)

Em (23), no primeiro argumento, o foco é o rapaz a ser julgado, enquanto, no segundo argumento, o foco passa a ser um dos jurados.

(24) Uma vez, pondo os olhos num jornal, na primeira página vinham grandes notícias anunciando o desaparecimento do indigente Paulo Prado e, virada a página, sob uma cara patibular com cabeleira imensa, contavam que enfim estava prêso o ladrão Mario de Andrade, especialista em roubar canos de chumbo. Dessa vez fiquei um pouco tonto.

Só de outra, *porém* quase me deshonrei reclamando. O corrêio chegou e na minha correspondência estava um jornal, quem me mandou não sei. Era um diário de uma linda capital do norte. (XXBLA-CRO, p.172)

Em (24), o argumento apresentado por *porém* introduz um novo tema, que acaba colaborando com a progressão temática abordada. Esse tema gira em torno da correspondência recebida pelo locutor. Como se nota, o acréscimo do segundo argumento não implica, necessariamente, a desconsideração do primeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas sincronias abordadas, *porém* apresenta uma certa estabilidade quanto às características semântico, sintáticas e pragmáticas. Quanto às invariâncias, ainda nas sincronias mais atuais, guarda resquícios da sua fonte adverbial, no que diz respeito à co-ocorrência com outras conjunções; as demais características invariáveis apresentadas pelo item o coloca mais próximo das ditas conjunções coordenativas prototípicas como *e*, *ou*, *mas*. Como foi notado, em todos os enunciados articulados por *porém*, a relação de *contraste por quebra de expectativa* está presente, uma vez que o interlocutor se surpreende com a informação dada pelo locutor. A variabilidade ocorre a partir dos diferentes contextos em que o *porém* ocorre, os quais revelam diferentes estratégias

⁷ Nos moldes de Bally (1965), *tema* é o ponto de partida, servindo como suporte para o *rema*.

discursivas, tais como: oposição, negação de inferência, restrição, compensação, surpresa, contra-argumentação e direção independente, e, possivelmente, ainda outras que não foram detectadas no *corpus*.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4.ed. Berne: Éditions Francke, 1965.
- CÂMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTILHO, C.M.M. Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*. *Filologia e lingüística portuguesa*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, n.6, p. 53-100, 1997.
- CARONE, F. *Subordinação e coordenação: confronto e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.
- DIJK, T. van. *Text and context*. London, New York: Longman, 1977.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global Ed., 1981.
- _____. Opérateurs argumentatifs et visée argumentative. *Cahiers de linguistique française*. Paris, v.5, p. 79-108, 1983.
- _____. *O dizer o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.
- KOCH, I.G.V. Argumentação e autoridade polifônica: In: *Sobre Pragmática*. Publicação do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. Uberaba: Série Estudos – 9, 1983.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 2.ed. São Paulo Ática, 1997.
- LONGHIN-THOMAZI, S.R. A perífrase conjuncional “só que”: invariância e variantes. *Alfa*. São Paulo, v. 47, n.2, p. 139-152, 2003.
- _____. Uma proposta semântica para a combinação de orações: resgatando os critérios de Bally. *Revista da ANPOLL*, n.16, p.321-348, jan./jun. 2004.
- MATTOS e SILVA, R. V. *Pero e Porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa*. *Boletim de Filologia*, Vol. II, Tomo XXIX, fasc. 1-4, Lisboa: Centro de Lingüística de Lisboa, 129-151, 1984.
- NEVES, M.H.M. O coordenador interfrasal *mas* – invariância e variantes. *Alfa*. São Paulo. v.28, 9. 21-42, 1984.
- _____. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos lingüísticos*, p. 46-56, 1998.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NUNES, J.J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 8.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.
- SILVA, T. M. *A constituição do adversativo porém em dados do português arcaico*. (Relatório de Iniciação Científica). UNESP/São José do Rio Preto, 2007.
- VOGT, C & DUCROT, O. De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica. In: VOGT, C. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 2.ed. aum. São Paulo: Hucitec, 1989.